

Conflito de gerações, emergente de ideias novas¹

Cesar A. Ottalagano²

Gecel Luzer Szterling³

Fajga Szterling⁴

Resumo: Os autores trataram os dois temas oficiais do IV Congresso Brasileiro de Psicanálise como integrantes de uma só unidade funcional, interdependente e biunívoca. Propõem-se pesquisar os fatores que podem impedir ou retardar o progresso da investigação do objeto psicanalítico. Tomam como base da pesquisa a experiência clínica, a vivência no meio institucional e com diferentes tipos de *establishment*. Como esquema metodológico referencial entendem o objeto psicanalítico como a pesquisa do suceder de experiências emocionais e impressões sensoriais que se realizam entre duas pessoas, analisando e analista, da qual se pode chegar a um aprender da experiência, tendo como contexto referencial o *setting*, como instrumento de trabalho a interpretação e como técnica de investigação a transferência. Deram maior ênfase a uma das partes do casal analítico, o analista e suas instituições. Definem conflito endopsíquico, ideia nova, geração nova velha e o conflito entre ambas. Entendem que o conflito de gerações não se caracteriza por um conflito decorrente de diferenças etárias, mas pelo choque do encontro ou convívio de diferentes estruturas de personalidade. Ser da nova geração é ter uma estrutura mental flexível, capaz de receber, conceber, criar ideias novas através da reformulação ou de novas configurações extraídas do velho, enquanto que ser da velha geração é ter uma estrutura mental rígida, conservadora, dogmática, cristalizada e saturada. Encontraram que alguns dos fatores nocivos para ser da “nova geração” estão assentados em núcleos narcísicos, onipotentes do *self*, desencadeadores de idealização seja do velho ou do novo, rivalidade, inveja, temor de desestruturação psíquica diante do novo, intolerância à frustração do não-saber absoluto, filicídio e parricídio, entre outros.

1 Publicado na *Revista Brasileira de Psicanálise*, 7, 321-338, 1973.

2 Assistente de ensino do Instituto de Psicanálise e membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

3 Assistente de ensino do Instituto de Psicanálise e membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

4 Do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

Introdução

Inicialmente atraídos pelo tema Conflito de Gerações, tentaram os autores elaborá-lo sob diferentes perspectivas: psicológica, social e histórica, mas com o evoluir do trabalho viram-se diante de uma ideia que se delineava cada vez mais clara e limpidamente, isto é, os dois temas oficiais do IV Congresso Brasileiro de Psicanálise podiam integrar-se numa só unidade funcional, interdependente e biunívoca, num só objeto de investigação e conhecimento.

Pensam que a escolha dos dois temas expressa a angústia e o esforço coletivo dos psicanalistas brasileiros em elaborar o conflito de gerações, conteúdo latente que emerge como conteúdo manifesto através do impacto no pensamento psicanalítico diante de ideias novas, sua dificuldade de trânsito, de serem criadas, pesquisadas, num mundo onde os outros ramos do conhecimento progridem rapidamente, num mundo em contínuas transformações.

Baseiam-se na experiência clínica, na vivência do meio institucional com diferentes tipos de *establishment*.

Partem do esquema referencial de que o objeto psicanalítico é a pesquisa do suceder de experiências emocionais e impressões sensoriais que se realizam entre duas pessoas, analisando e analista, da qual se pode chegar a um aprender da experiência, tendo como contexto referencial o *setting*, como instrumento de trabalho a interpretação e como técnica de investigação a transferência (Bion, 1966).

Consideram que a ciência se caracteriza pela pesquisa e investigação, podendo-se afirmar que a Psicanálise se situa dentro do universo científico, pois nosso trabalho é um processo constante de pesquisa, campo propício para o advento de ideias novas quanto à natureza do sentir e pensar do ser humano.

Entretanto, tal fertilidade criadora não se realiza com muita frequência. A grande maioria dos trabalhos apresentados em congressos ou reuniões científicas é de natureza compilatória, deixando entrever a angústia que causa ser portador de ideias novas, aceitar sua paternidade, ou a paternidade de outrem.

Este trabalho pretende ser uma indagação sobre os fatores que podem impedir ou entravar o progresso da investigação do objeto psicanalítico, a apresentação, o surgimento e a assimilação de ideias novas.

Não queremos com esta afirmativa negar que ideias de magno porte tenham sido geradas. Homens que tiveram a coragem de desvendar sua verdade, mesmo correndo o risco de serem imolados, surgiram na evolução histórica do pensamento psicanalítico. Tal é o caso de Freud, Abraham, Klein ou Bion.

Mas, por outro lado, constatamos que nem todos têm as condições de lidar adequadamente com a angústia que acarreta o isolamento e a agressão.

O homem comum, como a maioria dos que se encontram neste congresso, tem capacidade criadora e algo a comunicar, mas esta ou morre na fonte, ou se revela às expensas de muita angústia persecutória.

Talvez nosso próprio trabalho não enfeixe nada de novo, mas serviu de oportunidade para pensarmos no Conflito de Gerações, Emergente de Ideias Novas, e nos enriquecermos numa troca de ideias com os colegas.

O trabalho é fruto de associação livre, tendo sido consultada bibliografia após a reunião das ideias elaboradas pelos autores.

I. Conceituação

A área de pesquisa abarcada pelo título é vasta, podendo ser abordada tanto pela Sociologia como pela Biologia, seja pela História, seja pela Psicologia ou Psicanálise.

Não pensam os autores em esgotar universo tão amplo, atendo-se somente ao conflito endopsíquico diante do surgimento de ideias novas ou novas teorias na marcha evolutiva do pensamento psicanalítico, nos analistas e em suas instituições.

Genericamente, conflito pode ser entendido como a contradição processual entre uma tese e uma antítese, em busca de uma nova e mais ampla síntese.

Como elemento psicanalítico, conflito endopsíquico caracteriza-se pela presença de tensão emocional, angústia, resultante da contradição de sentimentos existentes frente a uma determinada experiência emocional com um objeto, que tanto pode ser interno como externo.

Angústia pode ser resultante de conflito de caráter patológico, mas a nosso ver conflito é um processo inerente ao psiquismo, sendo que um relativo montante de angústia conflitiva se faz necessário, não só para discriminar o perigo como também para o próprio processo de desenvolvimento e crescimento humano.

Ainda que, diante de uma experiência emocional conflitante, a angústia cesse no momento do conhecimento de suas origens inconscientes e de sua resolução, inicia-se um novo ciclo conflitivo diante de situações cada vez mais complexas e evoluídas na escala do desenvolvimento humano. Assim é o processo de crescimento.

Concordamos, neste sentido, com Klein:

A ausência de conflito no infante, e *no adulto*, caso se pudesse imaginar semelhante situação hipotética, privá-lo-ia do enriquecimento da personalidade e de um fator importante para o fortalecimento do ego, pois o conflito, e a necessidade de vencê-lo, é elemento fundamental da criatividade e do *processo de vida*.⁵ (1964)

Assim sendo, poderíamos afirmar que o conflito é gerador de modificações psíquicas constantes que se configuram segundo o predomínio de intencionalidades ou de significantes opostos (bom e mau, amor e ódio, conhecimento e ignorância, admiração e desprezo etc.).

Algumas poderiam ser as formas de desenlace de um conflito. Entre elas, destacamos:

- a. Negá-lo com a consequência de atacar a percepção da realidade interna e externa.
- b. Conflito entre aspectos superegoicos e ego, levando à utilização de modelos de comportamentos infantis que levam à falsa resolução do conflito.
- c. Cronicidade da situação conflitiva por temor de que solução mais adulta seja mais catastrófica.
- d. Conscientização e resolução do conflito, levando a uma integração mais evoluída do ego.

Parece, e a experiência psicanalítica o corrobora, que ideias novas geram conflitos e que a elaboração dos mesmos cria novas ideias.

Para os autores, ideia nova será considerada no sentido usado por Suzanne Langer: “Uma ideia nova é um destelhamento, cujo resplendor

5 Grifos dos autores.

ilumina presenças que simplesmente careceram de forma até que esta luz as iluminou” (Grinberg, 1970).

Tal definição é a que mais se aproxima do conceito de teoria nova, isto é, aquela que abarca e supera uma teoria antiga, trazendo à luz áreas desconhecidas de um objeto de conhecimento, em nosso caso, o objeto psicanalítico.

Uma das resistências a vencer em nós mesmos, e por nossos analisandos, é a tendência conservadora da mente humana, estruturada na bagagem de mitos pessoais, teorias do analisando (e do analista), onde para fugir de frustrações, de angústias, cria-se uma reversão de perspectivas, defesa para atacar a percepção de uma nova verdade.

Ao conhecido, embora possa muitas vezes ser uma distorção defensiva, patologia própria da não-tolerância da “dor” que pode causar a autopercepção, lhe são conferidas qualidades de vida, de proteção, verdades conhecidas dificilmente abaláveis, estendendo-se esta atitude dogmática na fundamentação de cada um de nós, quanto a nossa maneira de observar e trabalhar com o aqui e agora.

Pesquisando, inclusive, a sistemática de realização deste trabalho pelo método da associação livre, verificamos o quanto não estávamos livres. Vimo-nos como um conglomerado de leituras, aprendizagens colhidas na experiências de nossas análises, aulas, experiências com pacientes, e que os grandes mestres estavam metidos dentro de nós. Nunca partíamos do nada, e talvez jamais o conseguiremos. Mas, perguntamo-nos, que fatores bloqueiam a capacidade criadora que possibilita ir um passo além no estudo das emoções humanas, e se não a temos, que fatores impediriam a aceitação da criatividade do outro.

Até a reprodução de material clínico, usada como tentativa para tornar os congressos e reuniões científicas mais produtivos, resultou numa volta à compulsão existente em cada um de nós de defender sua teoria de observação e interpretação dos fatos psíquicos como se fôssemos os donos da verdade. Mais uma vez, nesta experiência sugerida por Grinberg (1970) e realizada em congressos nacionais e latino-americanos, vimos a tendência conservadora da mente humana se manifestar através de um embate competitivo.

Ao novo, desconhecido, previamente ao processo de assimilação, lhe são conferidas qualidades persecutórias, catastróficas ou, então, tende-se a negá-lo, conferindo-lhe atributos de velho conhecido.

Outra atitude que o novo pode desencadear são ataques retaliadores de inveja e voracidade pelos aspectos que não se tem. Tomamos como modelo configurante desta situação a de pais que dão aos filhos todos os recursos propícios ao progresso e desenvolvimento, mas à percepção de que estes puderam fazer bom uso de tais recursos, passam a sentir-se ameaçados, atacando e sabotando subrepticiamente o progresso. Seria este o caso típico de filicídio (Ribeiro, 1970). A situação inversa, o parricídio, também pode emergir diante do surgimento de ideias novas criadas por “pais” muito férteis e criativos. Tende-se, neste caso, a salientar aspectos negativos da pessoa ou da obra do criador, negando ou ofuscando os aspectos criadores adequados ao desenvolvimento do pensamento psicanalítico. Verificamos a repelência e o denegrimento de ideias novas como um emergente do conflito de gerações, onde a mudança de *status* e papéis fica catastroficamente ameaçada. Tais conflitos estão intensamente presentes na maioria dos relacionamentos bipessoais, institucionais e sociais.

Na vivência com a instituição, verificamos o quanto fantasias de castrição, ligadas a conflitos endopsíquicos com o núcleo familiar primário e a realidade, se misturam. Acreditamos que a pequena proporção de relatórios apresentados, a demorada lacuna de tempo requerida para que um candidato passe a membro associado, a pequena produtividade de trabalhos científicos que abram novas perspectivas sobre um objeto tão multidimensional como a mente humana denunciam a presença dos conflitos referidos acima.

Poder pesquisar, ir em busca de um novo mais abarcador, decorre da resolução de tais conflitos e da capacidade de suspender o juízo, tolerando a cegueira, a ignorância transitória. E, conforme a experiência do novo seja corroborada, ter condições de tolerar o luto e desligamento de nossas velhas teorias e de nossa onisciência, sem sentir que ao perdê-las perdemos *status* ou partes de nosso *self*.

Este processo implica, na maior parte das vezes, em desestruturação psíquica transitória, mas muito temida, defendendo-se o ser humano pela negação de que a própria vida, e ele mesmo, são um fluir constante de transformações, ganhos e perdas.

O processo de desestruturação e reestruturação do pensamento está sempre presente diante do aparecimento até a assimilação de uma ideia nova em maior ou menor grau, isto é, mais intenso, nas sociedades religiosas ou primitivas e menos intenso em sociedades democráticas.

A fantasia de ser expulso do Éden acompanha a adesão estrita a teorias ou hábitos vigentes. Em nossas instituições sobrevivem resquícios de tais fantasias, levando a uma adesão estrita no assumir os grandes mestres ou teóricos do pensamento psicanalítico. O temor de assumir plena e livremente a própria identidade de pensamento e de ser revela-se na observação de que analisandos de um analista ou de uma sociedade acabam por introjetar e se identificar em maior ou menor grau com sua ideologia, da qual o analista não consegue despojar-se totalmente em sua postura assética. Este fato é, em parte, explicável pelo longo convívio, mas decorre também inúmeras vezes do temor de aceitar plenamente a própria identidade diante do perigo de ser expulso do paraíso.

A desestruturação psíquica diante do novo, quando não elaborada, é sentida como irreversível e ameaçadora por uma estrutura mental ou social.

O mito, que preenche o medo do desconhecido, dificulta o aprender com a experiência do desenvolvimento de nossa personalidade e das mudanças institucionais e sociais que já vivenciamos.

Os percalços que ora atravessamos diante das inovações na teoria psicanalítica já foram experimentados anteriormente por Freud, na época da criação da primeira Sociedade de Psicanálise, tendo que resistir às perseguições e ataques de outras sociedades, especialmente as médicas, que viviam as novas descobertas muito ameaçadoramente.

A presença de arrogância, rivalidade e onipotência decorrentes do instinto de morte, tem retardado o progresso do pensamento psicanalítico. Muito tempo perdeu-se em decorrência desta ameaça fantástica de desorganização das estruturas sociais e científicas vigentes no plano individual; sabemos o quanto nossos analisandos preferem ficar na ignorância por temerem sofrer a dor de novas descobertas como fuga de culpa, ou por ferir seus núcleos narcísicos.

Assim, o mito da loucura diante do novo acarreta como defesa outro mito: o de possuidor da verdade absoluta.

Exemplo sobejamente conhecido de todos é a inclinação de preencher-mos com teorias já integradas intelectualmente ou pelo senso comum (teoria do fim de semana, inveja etc.), os momentos em que ficamos cegos na experiência psicanalítica.

Quanto às teorias, verdades relativas de cada momento evolutivo, tendemos a transformá-las em verdades absolutas.

Assim o novo pode tender a ser sentido persecutório, ameaçador, tanto para o indivíduo como para a instituição, e o velho é idealizado como defesa.

Outra variação sobre o mesmo tema é a idealização do novo, extrema adesão ao mesmo, sem tê-lo passado ainda pelo critério da validade e objetividade, decorrência da fantasia e confusão entre novo, progresso, evolução, fruto de angústia diante da ignorância.

Com a constatação dos mecanismos de defesa, acima citados, não esgotamos nossa área de pesquisa, pois neste terreno proliferam inúmeras angústias, revestidas sob a forma de mitos e dogmatismos.

Não podemos deixar de nos deter e pensar um pouco mais neste momento, sobre o mito do “possuidor da verdade última”, “absoluta” e “insofismável”, os “donos da verdade”.

Onde estaria tal verdade? Nas velhas ou novas teorias? Não seria fruto de onipotência e narcisismo, ter a necessidade de se colocar numa atitude tão radical, tão passional, tão pouco científica? Seguir as teorias de Freud, Klein, Bion ou outros, ou de nós mesmos, não é endeusá-los, nem colocar-nos no pedestal da onisciência, no cortejo dos idealizados. Estudar bem a um grande pensador ou mestre é conhecê-lo, questioná-lo em nossa experiência clínica, isto é, verificar se os seus modelos teóricos são corroborados empiricamente e, naqueles pontos em que não o forem, continuar nossa pesquisa, investigando e tentando ver mais adiante.

Talvez seja este um dos modelos e ensinamentos mais importantes transmitidos pela obra freudiana, e pelos grandes cientistas de modo geral.

O que deve caracterizar a mente do cientista, assim como a do psicanalista, é uma estrutura mental flexível, capaz de reformulação a cada momento em que as velhas ou novas teorias não sejam corroboradas empiricamente, tolerando a frustração e a angústia do não-saber.

“Me encontré en una posición semejante a la de un científico que sigue empleando una teoría que sabe es imperfecta porque aún no se ha descubierto otra mejor que la reemplace” (Bion, 1966).

E neste ponto do nosso trabalho queremos definir o que entendemos por geração, nova e velha geração.

Segundo o *Diccionario ideológico de la lengua española* (Casares, 1959), geração ou gerar tem o significado de conhecer, criar, produzir, multiplicar. Assim, poderíamos equiparar a geração a um processo de gestação e *holding* de ideias ou teorias novas. Sabemos que conter tais capacidades de gerar depende de possuir estrutura de personalidade capaz de *reverie*.

A nosso ver, o conflito de gerações não se caracteriza por um conflito de diferenças etárias, mas pelo choque do encontro ou convívio de diferentes estruturas de personalidade.

Ser da nova geração é ter uma estrutura mental flexível, capaz de receber, conceber, criar ideias novas através da reformulação do velho ou de novas configurações extraídas do velho, enquanto que ser da velha geração é ter uma estrutura mental rígida, continente do saber conservador, dogmático, cristalizado e saturado.

Nesta perspectiva há analistas jovens que são velha geração e vice-versa.

Personalidades geração jovem são as:

- a. Capazes de tolerar a frustração do não-saber absoluto.
- b. Tolerando tal frustração, servirem-se da mesma como estímulo para a pesquisa e a busca de ideias novas.

Estes dois tipos de personalidades ou estruturas mentais, classificados como diametralmente opostos, não são encontráveis em estado puro, como um bloco monolítico. Pode-se antes falar em momentos de predominância de um ou de outro estado, ou, ainda, de estruturas de personalidade com características predominantes de um dos polos da variável rigidez-flexibilidade. Variáveis externas, tais como a instituição, o *establishment*, mestres, analista didata, supervisores, também podem influir na liberdade, flexibilidade do pensamento e da própria criatividade.

Gostaríamos de nos deter aqui a fim de não causar mal-entendidos ou talvez mesmo pela necessidade de lidar com nossas fantasias de castração, uma vez que tivemos que explicar que nem toda crítica é sinônimo de agressão, rivalidade, conflito edípico ou inveja. Lembramo-nos de uma frase que nos calou profundamente: “A verdade, mesmo sob a forma de crítica, é a bondade em sua condição mais alta”.

A nosso ver, mesmo Mrs. Klein, seja por conflitos endopsíquicos seja por conflitos com o *establishment*, teve dificuldades, em alguns momentos, em aceitar integralmente a maternidade de suas ideias. Dividiu-as, algumas vezes injustamente, com Freud, outras com Abraham.

Indiscutivelmente, não queremos com esta afirmação idealizar tudo o que é novo e denegrir o velho. Não somos adeptos da geração espontânea. Freud continua sendo uma fonte admirável de aprendizagem; mas por que

também não deixar explícito que aspectos da obra freudiana podem e devem ser repensados, desenvolvidos, a partir da nossa própria experiência acumulada? Tomamos a Freud como exemplo, mas esta atitude deve ser aplicada a qualquer pensador, criador. Se alguma frase pudesse traduzir nossa atitude a fim de propiciar o desenvolvimento da Psicanálise, pensamos que seria esta: “Fuga da idealização”.

Voltando à Mrs. Klein, verificamos ter-nos legado inúmeras ideias novas que implicaram em modificações técnicas importantes. Entre elas, devemos destacar as seguintes: existência de ego e de relações objetais desde o início da vida, conceito de posição esquizoparanoide e depressiva, teoria da identificação projetiva e introjetiva, *splitting*, teoria da inveja, Édipo precoce, interpretação da defesa e angústia na transferência desde o início da análise.

Tais ideias ou teorias novas mobilizaram conflitos endopsíquicos nos psicanalistas e no *establishment* da sociedade inglesa de psicanálise, conflitos estes que propiciaram as cisões já conhecidas de todos nós e que estavam longe de serem decorrentes somente de divergências metodológicas.

Transformam-se modelos teóricos, hipóteses de trabalho, que devem ser aceitos ou rejeitados, em ideologias psicanalíticas que são defendidas ou denegridas e se estes fatos ocorrem como se pertencêssemos a diferentes subgrupos, tentamos pesquisar sobre em que ordem de fatores emocionais estariam assentados.

Talvez tenha sido neste sentido que Grinberg (1970) chamou os congressos de “encontros de surdos-mudos”, e também as reuniões científicas,⁶ onde mais grassa o monólogo no palco da exibição narcísica do que o diálogo científico.

II. Dificuldade em assimilar, criar e comunicar ideias novas

Partindo do que ocorre frente ao novo ao nível do individual arrematemos nosso trabalho apontando que dinâmica semelhante se processa a níveis mais amplos.

Nossa experiência com pacientes, com analistas, ou o convívio com nossos colegas revela que mesmo obtendo progressos substanciais numa análise estamos inclinados a sofrer um impacto diante de ideias novas, fato

6 Grifo dos autores.

para o qual precisamos estar sempre alertas, a fim de que estas não sejam vivenciadas como propícias para um conflito de gerações, pois assim não poderíamos ser continentes adequados das mesmas.

Inúmeros fatores atuam contra a assimilação, criação e desenvolvimento de ideias novas. Vejamos alguns deles.

O ódio ao novo pode emergir quando este não é produto de nossa criatividade porque também implica numa opção com o consequente abandono de algo já estabelecido, porém ultrapassado e “velho”. Esta situação é vivenciada como ódio à própria mente, desencadeando angústias persecutórias vindas de um objeto tanático exigente e incompreensivo, ou angústia depressiva como perda de um objeto interno que fora idealizado. Ainda que este fator, ódio ao novo, exista em todos nós, o problema que aqui se coloca é quantitativo e não qualitativo, isto é, torna-se patológico, dependendo do grau de intensidade com que o ódio atua na mente humana.

Outro fator relevante na psicodinâmica de ataque à criatividade é a inveja. Queremos distinguir entre:

- a. Inveja que denigre a capacidade do outro de pensar, assimilar e criar ideias novas.
- b. Medo de despertar ataques retaliadores de inveja por se ter capacidade de desenvolvimento e de criatividade.

A bibliografia psicanalítica está plena de exemplos das duas configurações que pode assumir a psicodinâmica da inveja. Entretanto, trazemos novamente a mesma questão, pois parece-nos de relevante importância para o nosso tema.

O não-uso de memória e a revisão do conceito de “compulsão à repetição” de Freud possibilitou-nos um aumento do campo perceptivo da sessão psicanalítica

O paciente não consegue lembrar tudo que foi recalcado e o que não consegue recordar pode ser precisamente a parte essencial do recalcado. Assim, é *compelido a repetir* o material recalcado como uma experiência atual, ao invés de *recordar* como algo pertencente ao passado. Tais reproduções que aparecem com uma fidelidade indesejada... (Freud, 1920-1922).

A nosso ver tal repetição compulsiva não ocorre a cada sessão analítica, pois ela é uma nova experiência emocional, tendo algo a ser descoberto, e nunca uma *repetição com fidelidade* de algo ocorrido no passado, pois passado é recordação, despida de emoção, enquanto que o presente permite a verificação das teorias do analisando sobre seus objetos.

A inveja, porém, como um dos fatores que podem atacar a criatividade, impede-nos de desvendar o novo, levando-nos a *atuar*, a sentir falsamente como uma repetição compulsiva, enquadrando-se o presente num modelo já consagrado.

E por que não reconhecer que a psicodinâmica da inveja ataca a capacidade criadora ao nível do progresso da instituição e entre as instituições?

É fato consumado um colega trazer alguma contribuição nova e o primeiro passo ser partir para o denegrimiento ou a negação. O mesmo se dá em relação às teorias. Muito comumente ouve-se: “Não trouxe nada de novo. Freud ou Klein já o diziam. Trata-se do já conhecido, dito de forma sofisticada”. Pensamos que a redução do novo ao velho é um ataque à percepção, decorrente da presença da inveja.

Outra variação do ataque às ideias novas é prejudgá-las por antigos esquemas referenciais, mesmo antes de entendê-las ou examiná-las a partir do modelo teórico de seu criador.

O novo é sentido, neste caso, como ameaça de *status*. De nossa experiência como candidatos, analisando e professores, constatamos o quanto íamos à supervisão a fim de mostrar o que sabíamos e não para aprender, movidos pela angústia de perder a função e *status* de analista, o mesmo ocorrendo nas aulas do Instituto entre candidatos e professores e vice-versa, entre analisando e analista e entre instituições.

No segundo caso, temor de despertar inveja, a angústia persecutória pode tornar-se tão intensa que bloqueia toda a capacidade criadora. Protela-se a apresentação de trabalhos, a capacidade de elaborá-los torna-se lenta, desvalorizam-se as próprias ideias e acaba-se canalizando-as num dos modelos teóricos já conhecidos, corroborando falsamente o conhecido, recorrendo-se à bibliografia, especialmente dos grandes mestres, já consagrados. Escondemo-nos sob a capa dos grandes, como crianças tomadas por fantasias de castração e de idealização.

A onipotência e núcleos narcísicos são também fatores perniciosos a auto ou hétero criatividade. Temos encontrado em nossa experiência com pacientes que apresentam núcleos narcísicos, a fantasia de que possuidores

do saber supremo serão extremamente amados. Seu mecanismo de defesa é atacar invejosamente a qualquer rival que possa criar e apresentar algo melhor do que eles têm a oferecer.

Quanto a nós, psicanalistas, verificamos que o psicanalista que não tenha elaborado suficientemente seus núcleos narcísicos e onipotentes não tolera a frustração do “não-saber”, condição *sine qua non* para assumir postura de pesquisador, descobridor do novo e, assim, poder progredir com o paciente e no seu próprio processo de desenvolvimento.

Tal psicanalista sabe tudo, enquadra qualquer colaboração do analisando, qualquer experiência emocional num modelo teórico já estabelecido, não aguentando momentos de ignorância. Adivinha o silêncio, vale-se da memória, pois a angústia de ficar no escuro cega-o para o momento presente, antecipadamente. Entre colegas, diante de trabalhos que são apresentados, muitas vezes arrasa as contribuições, pois aceitá-las é reconhecer as próprias limitações, fato doloroso que toca nestes núcleos narcísicos e onipotentes.

Quanto ao *establishment*, este será continente adequado para abrigar, assimilar e conter ideias novas, se não estiver sob o domínio de necessidade narcísica de *status* e de poder, propiciando aos indivíduos talentosos sua ascensão, sem que nisto esteja implícita a fantasia de sua morte. Deve ter este *establishment*, também, a capacidade de tolerar críticas, até de fato encorajá-las, pois quando assim ocorre deduzimos que tal *establishment* já abandonou o pensamento mágico que confunde posição de autoridade com onipotência.

O *establishment* sem capacidade de *reverie* pode ser descrito pelo modelo de relacionamento do binômio mãe que envelhece e filho que desabrocha. A ansiedade ligada ao crescimento, ao desenvolvimento do filho, pode provocar ataques competitivos e invejosos impedindo o diálogo, a colaboração, tendo que fazer prevalecer a superioridade da experiência, a fim de defender-se da angústia desencadeada pela percepção da decadência e morte. Teríamos, neste caso, o filicídio.

Inúmeras variações de conflitos arcaicos de rivalidade vividos com o grupo familiar primitivo são reeditados em nossas instituições, entravando o surgimento de ideias novas e o progresso da Psicanálise. Uma das variações desta dinâmica é denunciada nos embates competitivos entre diferentes grupos de estudo ou entre instituições. Trata-se da rivalidade grupal, equivalente da rivalidade fraterna ou paterna. Subentende-se no grupo a exigência de adesão de tipo religioso, interpretando-se o contato com qualquer outro grupo como prova de traição.

A experiência da cisão sofrida na sociedade britânica e em outros centros psicanalíticos, por todos nós conhecida, faz-nos pensar que as justificativas racionais, teóricas a fim de explicar cisões, apresentam no bojo de seus cadinhos a imensa angústia que implica o estar só no sentido da liberdade de pensar. Defendemo-nos desta angústia oceânica compartilhando do grupo, idealizando-o e, como todos nós sabemos, tentando assim aliviar-nos de angústias persecutórias.

A idealização de nós mesmos através da idealização do grupo-clã conduz a saturação e cristalização do pensamento, que transforma conhecimento em dogma.

Trata-se de um produto da arrogância narcísica, mecanismo de defesa da dor que causa perceber as próprias limitações, levando à adesão estrita, sem questionamento, a quem já foi ou está sendo consagrado.

Inúmeros trabalhos têm-se referido ao uso patológico que o analista faz de sua instituição, do *establishment*, explicando tal patologia com decorrência de seu isolamento, das inúmeras identificações projetivas recebidas e contidas no trabalho com pacientes (Grinberg, 1970).

Não partilhamos de tal teoria. Observamos que em contato com nossos pacientes, onde desempenhamos uma função de seu *self*, apresentamos maior capacidade de oferecer-nos como objeto eufrenogênico, propício a promover desenvolvimento, no sentido usado por Durval Marcondes. Como “sadios entre sadios”, dissociamos e facilmente revivemos nossos conflitos com o núcleo familiar primitivo.

Ao despontar na família analítica um “irmão”, “pai” ou “filho” com uma ideia nova, passamos a nos sentir perseguidos pela ameaça de destronamento e atuamos ao invés de pensar. A tendência à atuação revela dificuldades de discriminação entre objetos internos, a escravidão a que a eles estamos submetidos e objetos externos.

Bion descreve à tendência à atuação como característica de mentes que não desenvolveram a capacidade de pensar, mentes rudimentares e primitivas. Eliminando o rival, ao invés de lidar com os seus objetos internos, supõem o analista e o *establishment* resolver o conflito (Bion, 1966). Esta atuação e seu produto mais evidente, a agressão, é o aspecto para o qual queremos chamar a atenção dos colegas.

Não pretendemos esgotar neste esboço inicial de pesquisa, a complexidade multidimensional das angústias e sentimentos envolvidos no *conflito de gerações, emergente de ideias novas*.

Tratamos muito mais da constatação de fatos que merecem maior atenção, esperando sairmos deste encontro enriquecidos com a crítica colaboradora dos colegas.

Estamos nós mesmos lidando com nossa insegurança diante do novo fator que deve ter esterilizado em parte nosso trabalho.

Ao reler o rascunho sobre nossas ideias, verificamos que nossa preocupação estava voltada para uma das partes do casal analítico, o analista, portanto, nós mesmos e nossas instituições.

Talvez seja este o aspecto novo do nosso trabalho: tratar de nossa própria dificuldade como analistas e como membros da instituição.

Pareceu-nos produtivo o tempo gasto com nossas indagações, pois este é o caminho mais curto e mais fácil para nos tornarmos mais conscientes dos dogmas que nos habitam, indo em busca de nossa identidade e, assim, ficarmos mais aptos para entrarmos em contato com o inconsciente de nossos analisandos.

Verificamos que não podíamos deixar-nos dominar pela fantasia inconsciente de que “deveríamos fugir da nossa verdade, pois lá só encontraríamos monstros e loucura”. Pensar assim é viver na mentira.

A fim de reparar a nós e outros, torna-se necessário não temer culpa depressiva, fundamental, para abrir o caminho possível para a reformulação de nossas autoteorias, buscando cada vez mais aspectos novos, ignorados de nós mesmos.

Provavelmente, assim, teríamos maior capacidade de lidar com, e superar o conflito de gerações endopsíquicas, instrumentando-nos melhor para entendermos e aceitarmos o que somos, as diferenças de capacidade que existem entre nós, pois ninguém tem condições de arrancar de outrem aspectos e capacidades que corresponderiam a nossa imagem idealizada.

Com a possibilidade de tornarmos cada vez mais conscientes nossos impulsos autodestrutivos, filicidas e parricidas, e os outros fatores emocionais anteriormente citados, abre-se uma perspectiva de criar ideias novas, propiciar o progresso da Psicanálise e, em âmbito institucional e social, abrir as comportas para o diálogo, enfrentando com mais êxito o aparecimento do “conflito de gerações”.

A mente capaz de integração toma a ideia nova e trata-a ao nível de desenvolvimento já capaz de lidar com angústias depressivas, enquanto que a mente alienada, dominada pelos mecanismos psíquicos de defesa da posição esquizoparanoide, trata de aniquilá-la por temor de aniquilamento.

Ainda que reconheçamos estar em nós mesmos a possibilidade ou não de lidar com ideias novas sem usá-las como conteúdo aparente para conflitos não resolvidos de arrogância, rivalidade, fatores externos como a instituição ou o *establishment* podem propiciar melhores condições para galgarmos este objetivo.

O aspecto positivo deste congresso, no sentido de dedicar-se ao estudo de ideias novas e sua influência na técnica, revela que crescemos em maturidade de receptividade.

Não nos atreveríamos a dar sugestões de caráter individual àqueles que tenham dificuldade de lidar com o novo, pois acreditamos que cada um de nós encontre o seu *modus* de manejar com suas dificuldades, segundo suas capacidades e possibilidades.

Generations conflict emerging from new ideas

Abstract: The authors had elaborated the two official themes of the IV Brazilian Congress of Psychoanalysis as they were one functional unit and characterized by interdependence and bi-univocity. Their purpose is to investigate the factors that may obstruct or delay the progress of the psychoanalytic's investigation object. The support of this study is their clinical experience and their experience in the institutional environment and with different types of establishment. They assume as a methodological reference, the understanding of the psychoanalytic object, the idea that it is no investigation of the successive emotional experiences and sensorial impressions that are developed between two people, the patient and the analyst, from whom one can learn by experience. Having as referential context the setting, as work tool the interpretation and as investigation arts, transference. They have given the-most importance to the analyst and his institutions. They define endopsychic conflict, new idea, new and old generation and the conflict between them. They understand that the generations conflict is not characterized by one conflict emerging from ages difference, but that is characterized by the meeting's crushing or by the living together of different personality structures. To be of the new generation is to have a flexible mental structure able to receive, to conceive and to create new ideas emerging from the reformulation or new configuration of the old, while to be of the old generation is to have a rigid mental structure, owner of the conservatory, dogmatic, crystallized and saturated knowing. They found that some of the harmful factors for being of the "new generation" are based on narcissistic, omnipotent nuclei of the self, triggering idealization of the

old or the new, rivalry, envy, fear of psychic disruption in front of the new, intolerance to frustration of absolute non-knowledge, filicide and parricide, among others.

Referências

- Bion, W. R. (1966). *Aprendiendo de la experiência*. Paidós.
- Casares, J. (1959). *Diccionario ideológico de la lengua española*. Gili.
- Freud, S. (1920-1922). Beyond the pleasure principles. In S. Freud, *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 18-38). Hogarth Press.
- Grinberg, L. (1970). Ideias novas. Conflito y evolución. *Rev. de Psicoanálisis*, 27(1), 43-71.
- Klein, M. (1964). *Fontes do inconsciente*. Zahar.
- Ribeiro, B. I. (1970). Objeto tanático. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 4(2).
- Ribeiro, B. I. & Galvão, L. A. P. (1970). Contribuição ao estudo da reação terapêutica negativa. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 4(4).